

22/05/2013 PRIMEIRA PARTE  
Dedicatória especial deste Folheto

*Em defesa do internacionalismo militante! Em homenagem a Abu Nur, jovem operário internacionalista que encabeçou a luta e morreu junto às massas massacradas da Síria, assassinado pelo genocida Al Assad sustentado pelo lixo do stalinismo contrarrevolucionário que entregaram os estados operários como a URSS, China, Vietnã, o Leste Europeu e agora Cuba à besta imperialista.*

Partido Operário Internacionalista – Quarta Internacional  
Integrante da Fração Leninista Trotskista Internacional  
Coletivo pela IV Internacional

A propósito dos “Coletivos Revolução Permanente-Comitê de Greve” no Chile

**Surgem no Chile, “camuflados de marxistas”, novos “Coletivos” adendos da esquerda stalinista chilena.**

## **Socialismo nacional vs internacionalismo proletário Stalinismo vs Trotskismo**

### **Reforma vs Revolução**

**Basta de atar as mãos da classe operária e da juventude!  
Abaixo a burocracia colaboracionista da CUT, da ACES e da CONFECH!  
Fora os “policiais de vermelho” da luta operária e juvenil chilena!**

**ABAIXO O REGIME CÍVICO-MILITAR ESFOMEADOR DA CLASSE OPERÁRIA E  
LACAIO DAS MULTINACIONAIS!  
PELA GREVE GERAL REVOLUCIONÁRIA!**

**Que voltem os Cordões Industriais! Pelos conselhos de operários e de camponeses pobres! Por comitês de soldados rasos para lutar como na Líbia e Síria, para esmagar ao regime cívico militar pinochetista e a todos seus lacaios!**

**Expropriação sem pagamento e sob controle operário das multinacionais e dos banqueiros! Para que se tenha educação primeiro para o filho do operário e depois para o filho do burguês  
Gostem ou não gostem os irmãos Castro e a nova burguesia cubana lacaios de Obama:  
Que Chile seja uma nova Cuba socialista, caralho!**

**É PRECISO FUNDAR NO CHILE UM PARTIDO AUTENTICAMENTE LENINISTA DE COMBATE E  
INSURRECIONALISTA, SOB AS BANDEIRAS DA IV INTERNACIONAL!**

## 2 Socialismo nacional vs internacionalismo proletário

### Apresentação

A polêmica que apresentamos a seguir aos nossos leitores, não persegue o objetivo de debater com dois pequenos “Coletivos” criados recentemente, chamados de “Revolução Permanente-Comitê de Greve” por sua importância como corrente política. Muito menos debateremos com eles por sua influência ou peso em setores da vanguarda, também não pela seriedade e consistência de suas posições programáticas, que são nulas. O que os caracteriza é o eclectismo e a montagem de posições pseudo trotskistas para sustentar uma estratégia tipicamente stalinista.

Abriremos uma discussão com estes “Coletivos” que, ainda que tentem se vestir com uma vestimenta pseudo trotskista, estão armados com o arsenal teórico e programático do stalinismo. **Eles são parte de uma montagem da “esquerda” stalinista, à esquerda do PC chileno oficial.** Este último entrou na Concertação para as próximas eleições e, já totalmente desprestigiado ante as massas, precisa fazer o papel que o PC já não pode fazer: o de ser uma pata de sustento do regime cívico-militar por fora de seu Parlamento fantoche, capaz de conter por fora do mesmo, à luta revolucionária das massas chilenas. Para isso se põe de pé um novo reagrupamento de forças stalinistas à esquerda do PC.

Com esta “esquerda” stalinista e seus chefes está proposto um debate que divide e tem dividido águas historicamente no movimento operário mundial, entre reforma e revolução, isto é, entre o internacionalismo proletário por um lado, e o “socialismo nacional” por outro. Estamos ante uma discussão, entre outros pontos, entre **trotskismo internacionalista e stalinismo nacionalista**. Nós, os trotskistas, não vamos permitir que stalinistas camuflados queiram acentuar a política de submetimento à burguesia que impõem as direções traidoras do proletariado mundial país por país. Estes “Coletivos” em um par de boletins, não têm deixado nada do marxismo revolucionário e o legado da IV Internacional em pé. Entraram com a faísca necessária para incendiar o celeiro, para atacar fogo e que não fique nem sinal da estratégia revolucionária. Não o vamos permitir. Isso trilha o caminho para que o revisionismo e o oportunismo tentem não deixar pedra sobre pedra do movimento revolucionário no Chile.

Isto não é novo, esta tragédia já aconteceu. **Estes “Coletivos” estão voltando sobre os passos dos que enterraram o trotskismo chileno, que sob a direção do pablismo, que liquidou a IV Internacional, no ano 65', com Valenzuela à cabeça, se integraram às filas do MIR e o castrismo, renunciando da tarefa de construir um partido revolucionário da IV Internacional no Chile.** Isso não só pagou caro a classe operária chilena na revolução dos 70', senão que também pagou o movimento revolucionário internacional.

Os militantes da IV Internacional não vamos permitir que isso volte a acontecer. **Nem o POI-QI, nem as limpas bandeiras da IV Internacional estão à venda, nem ao serviço de nenhuma alquimia que submeta o programa revolucionário ao reformismo. Justamente o reformismo sustenta-se e vence se não fica nem sinal do marxismo revolucionário.**

As direções traidoras buscam incessantemente que em cada luta que começa, a classe operária comece do zero. Disso se trata o ataque dos “Coletivos” contra o marxismo.

Tomamos em conta para este debate com estes “Coletivos” um panfleto que editaram no dia 13 de abril de 2013 e dois pequenos boletins, um editado em março de 2013 e o outro em maio de 2013. Existe um ditado popular que diz: “ao manco o tinham que ver caminhar”. Para que lado se entorta e se dirige este manco já está claro. Tem chegado a hora de que nesta discussão se salde contas contra tantas calúnias e infâmias contra o trotskismo e seu programa de cara à classe operária chilena e internacional. Reafirmamos que não permitiremos que correntes neo stalinistas sujem a teoria e o limpo programa do trotskismo para pôr aos pés do stalinismo.

Todos os que lutamos por refundar a IV Internacional sabemos que temos por diante um combate decisivo: voltar a dotar à vanguarda internacional de um programa e uma estratégia revolucionária internacionalista sem a qual será irrealizável sua libertação.

**Os que combatemos por refundar a IV Internacional não somos mais do que organizadores internacionais de nossa própria classe operária e da classe operária mundial.** Disso se trata nosso combate, e só desde esta luta cotidiana, poderá o marxismo revolucionário dirigir às massas à tomada do poder para estar à cabeça do combate contra a burguesia de seus próprios países. As seitas “socialistas nacionais”, junto a seus chefes do stalinismo e da

## **“Coletivos” neo stalinistas já desdobram um método de amalgamas, calúnias e incidentes stalinistas para fugir da luta política**

Estes “Coletivos” apresentam-se como uma cisão do POI-QI. **Mas, jamais um programa e uma teoria stalinista pode ser uma cisão dos trotskistas. Em todo caso, são um adendo desprendido do PC, para confundir à vanguarda operária e juvenil chilena.** É por isso que vamos discutir com este grupo, porque quando o fazemos sabemos que discutiremos com toda a esquerda filo stalinista chilena, desde o MIR, o FEL, e inclusive com o PTR, mais uma seita filo stalinista. Hoje, estes estão pondo em pé um partido único que, como já dissemos, tentam apresentar com uma nova vestimenta de “seda” ao stalinismo ante as massas.

E ainda acusam aos trotskistas de querer expulsá-los do POI-QI, quando sempre, ante a vanguarda operária, **foram um “Coletivo” stalinista que tentou falar em nosso nome**, como demonstraremos mais adiante. Hoje, tiram boletins e não falam dos colegas da FLTI e do POI-QI que morreram na Síria, que combatem na Líbia e na Palestina martirizada. Como podem ser do POI-QI? Do que fala esta gente? Não são credíveis. Não fazem seu o combate da Brigada León Sedov (integrante da FLTI) que, como o faziam os internacionalistas na década de 30 na guerra civil espanhola, hoje combatem na Síria, local onde hoje se concentraram todas as forças contrarrevolucionárias a nível internacional para afogar em sangue a revolução e dar um castigo ao proletariado mundial. Isto sempre o fez o stalinismo com o trotskismo nos 30'. Ou seja, **inventar-lhe grupos “gêmeos”, “Coletivos gêmeos”, trazer os seus amigos stalinistas a entrar nas organizações trotskistas. Conosco não poderão.**

Eles vieram a expulsar aos trotskistas da IV Internacional e nosso partido. Mas não o conseguiram nem o conseguirão. Fugiram rapidamente. Não porque tenham sido expulsos do POI-QI (enquanto se aterrorizavam com a luta política) senão porque seus chefes stalinistas lhes disseram que precisavam de seu ofício em outro lado: na CELAC e depois em Valparaíso, e foram ali velozmente. No ano passado, como neste ano, também estiveram em Valparaíso, jurando sua lealdade à Vallejos (dirigente da CONFECH e da Juventude Comunista do PC chileno). Então, que discutam com ela todo problema de democracia interna de seu partido, que é o PC.

A tentativa de querer apresentar que suas posições não puderam ser debatidas no POI-QI, na verdade é pouco credível. Esta gente fugiu politicamente de todo debate quando foi descoberto como um grupo filo stalinista por suas posições políticas e programáticas. E o que mostra a grau extremo seu caráter stalinista é que chegam inclusive a propor que foram perseguidos com métodos policiais. Esta é uma provocação mau gosto. Isto não é trotskismo. Jamais a nossa corrente, educada no marxismo revolucionário, lhe ocorre misturar discussões políticas com acusações morais deste tipo. E mais, fomos perseguidos, atacados e delatados por defender estes princípios.

Estas acusações morais extraídas do esgoto stalinista para o mundo nojento do stalinismo são normais. Mas nós, os trotskistas, sabemos do que se trata. O Trotsky era acusado de ser agente do Micado e de Hitler; e Stalin lançou esta campanha a nível internacional para criar as condições para fincar-lhe uma picareta na cabeça e terminar com sua vida, como já tinha feito antes com a maioria dos dirigentes do Partido Bolchevique e com os dirigentes da revolução de Outubro de 1917.

Estas acusações atuam como **balas de sinalização** para que depois venha o míssil do inimigo e faça impacto. Que significa isto? Que se o POI-QI tem métodos “policiais” e este é atacado pelo Estado, quem os defenderia? se segundo estes “Coletivos” “são polícias”. É justamente do que se tratam as “balas de sinalização”: **Marcam o alvo ao inimigo**, enquanto ao mesmo tempo isolam das massas ao grupo que caluniam.

Se nossa corrente tem métodos de “polícias”, como afirmam os “Coletivos”, estaria bem que seus combatentes na Síria sejam massacrados, pois “são polícias”. Porque senão, o que é “método de polícia”? O pau de arara e a tortura? Entregar lutadores aos policiais nas mobilizações? Do que fala esta gente?

Isto é uma provocação típica do stalinismo e das burocracias sindicais corruptas. Por isso, para discutir com estes “Coletivos” e todos seus chefes stalinistas, o faremos tampando o nariz. É que eles se queixam da luta “super estrutural de aparatos” e ao único “aparato” que enfrentam é ao trotskismo e à IV Internacional.

Conhecemos este método depreciável. É o mesmo que utilizaram as direções do Fórum Social Mundial (FSM) acusando às massas revolucionárias da Síria e Líbia de ser “agentes da OTAN”, para garantir que as massas fiquem isoladas da classe operária mundial e que Al Assad as massacre.

Com o trotskismo isto já aconteceu no Vietnã, à saída da Segunda Guerra Mundial, onde o stalinismo caluniando ao trotskismo massacrrou mais de mil dirigentes trotskistas que enfrentavam a invasão franco-inglesa nesse país. Este método também o utilizou Chukaku-Ha no Japão. Uma fração hochiminista-stalinista, denunciando aos marxistas revolucionários de ter “métodos de polícias”, assassinaram mais de 100 militantes revolucionários nos 70' e nos 80'.

#### 4 Socialismo nacional vs internacionalismo proletário

Não vamos deixar passar esta enorme possibilidade de educar a vanguarda do proletariado mundial no internacionalismo. Então, bem-vindos a este debate contra esta provocação. Como diria Lenin, “a classe operária deve saber do que se tratam os programas dos grupos que as pretendem dirigir”. **Luz, luz e mais luz.**

O stalinismo deve saber que, nós os trotskistas, sabemos do que se tratam seus métodos depreciáveis. Pois da mesma maneira que os “Coletivos” fugiram de todo debate, agora querem **montar uma cortina de fumaça** para que suas posições políticas não sejam desmascaradas ante a vanguarda operária e juvenil chilena, como o que são: um adendo do stalinismo chileno e mundial.

Não nos calarão porque são a ponta de lança de um partido único da esquerda stalinista chilena que preparam novas fraudes e cercos contra as massas do Chile para estrangular suas lutas. Estão indignados, ressentidos, não têm conseguido ganhar um só militante do POI-QI. Indubitavelmente serão reprimidos por seus chefes.

Sabemos que o stalinismo, seus aderentes e grupos satélites fervem de ódio por nosso combate junto às massas operárias revolucionárias do Egito, Síria, Líbia e Tunísia e contra o estado sionista de ocupação como é Israel que todas as correntes stalinistas no mundo sustentam e que fundaram no ano 1948 desde a ONU para ocupar a nação palestina. Sabem que enfrentamos abertamente os negócios milionários dessa nova burguesia castrista cubana que restauram o capitalismo na ilha e demitem como lixo a 500 mil operários cubanos que recebem 18 dólares de salário mensal.

Para terminar esta apresentação queremos dedicar esta polêmica e esta luta política, contra tanto nacionalismo pequeno burguês que quer envenenar a consciência da classe operária e da juventude chilena, ao combatente internacionalista líbio Abu Nur, que foi lutar ombro a ombro com seus irmãos de classe da Síria, contra o chacal Al Assad, porque sabia que aí se definia o futuro da classe operária da Líbia e todo o Magreb e Oriente Médio. É um exemplo de militante da juventude internacionalista revolucionária que nada tem a ver com estes grupos adendos do stalinismo. Desta carne e sangue estão compostas as filas dos marxistas internacionalistas da FLTI-Coletivo pela IV Internacional.

A colocação destes “Coletivos” com o stalinismo já é pública. Recentemente, no dia 21 de maio, juraram lealdade ao partido único da esquerda stalinista em Valparaíso. Isto é, no mesmo local onde no ano passado, todos os partidos miristas, anarquistas e dos renegados do trotskismo voltaram a entregar a direção das organizações de luta das massas ao stalinismo, para que estes terminassem de desorganizar e desmoralizar a vanguarda operária e juvenil que há anos sacode todo o Chile.

É evidente que estamos em frente a um adendo do stalinismo. Tratar de ocultá-lo é como pretender esconder um elefante de 3 toneladas de peso atrás de um pino.

### ***Os “Coletivos” aos pés da burocracia da CUT e do movimento estudantil para fechar o caminho à greve geral***

Quando no Chile, semanas atrás, estourava uma greve nacional dos portuários – que durou 18 dias-, os “Coletivos” se negaram, como todo o stalinismo e a burocracia da CUT (Central Unificada dos Trabalhadores, do Chile, NdeT), a propor que o grito dos portuários contra a escravatura –que paralisou grande parte das exportações e importações do Chile- se generalizasse como uma demanda de todo o movimento operário chileno e se imponha a greve geral. **Eles, durante 18 dias de greve portuária jamais chamaram à Greve Geral, nem sequer em solidariedade!**

Essa luta abria novamente o caminho para retomar o combate pela educação gratuita e conquistar o cobre para os chilenos.

Nos seus recentes boletins de edição, estes “Coletivos” chamaram a manter divididas as lutas, enquanto deixaram para um período posterior “levantar um programa único de demandas e avançar assim em conseguir uma greve pressionando à CUT”.

Agora chamam a “tomar nas mãos dos trabalhadores a greve no dia 11 de julho” que todos os anos chama de forma anedótica a burocracia da CUT. Mas as condições para que a greve geral seja ativa, isto é que seja **“A Greve Geral”** já são as piores, depois de que, por responsabilidade das direções traidoras, se deixou passar esta possibilidade durante a ofensiva operária e estudantil de abril-maio deste ano.

Em abril, pudemos ver que após um dia que se levantou a greve portuária, com um triunfo parcial, entrou à luta um setor dos mineiros, também com uma greve. No dia seguinte, enormes mobilizações estudantis sacudiram Chile. **A greve geral esteve à ordem do dia**, para abrir novamente o caminho, com a luta nas ruas, à derrota do governo esfomeador e repressor de Piñera (como esteve proposto em 2011/2012 e que foi traída pela burocracia da CUT e do movimento estudantil).



As burocracias da CUT e do movimento estudantil negaram-se a impulsionar esta ação generalizada e centralizada dos explorados. E mais, dedicaram-se a dividir, no prazo de uma semana e de dias, esses combates, inclusive quando também os operários florestais entravam à luta, além das centenas de conflitos ao longo do Chile. **Cuidaram-se muito bem de que não coincidiram todos eles no mesmo dia.** É que isto teria demonstrado que as condições para a greve geral estavam bem mais do que maduras: ERAA GREVE GERAL! No entanto impôs-se a traição da burocracia da CUT, esses marechais de milhares de derrotas do movimento operário chileno.

Os “Coletivos” propõem, pregam e insistem desde seus boletins, que não ocorra às massas fazer nenhum “paralelismo” contra a CUT. Já saldaremos conta com este programa traidor para o proletariado. Uma coordenadora de estudantes, de mineiros do cobre, de florestais, de camponeses pobres tem e terá **UM MILHÃO DE VEZES MAIS AUTORIDADE E REPRESENTATIVIDADE GANHA NO COMBATE QUE TODA A BUROCRACIA TRAIidora DA CUT.** Adiantamos esta questão que desenvolveremos na Segunda Parte deste documento, porque o que aqui esboçam estes “Coletivos” é que se declararam inimigos confessos de pôr em pé **TODO ORGANISMO DE AUTODETERMINAÇÃO E DEMOCRACIA DIRETA DAS MASSAS.** Em momentos que se colocada à ordem do dia que as massas protagonizem uma ofensiva política contra o regime cívico-militar.

O que propõem estes “Coletivos” é um verdadeiro cretinismo sindicalista anti-soviético. Inimigo da democracia direta e do desconhecimento de todas as leis do estado e de qualquer governo do regime pinochetista que regulamente o funcionamento dos sindicatos e das organizações operárias.

Para o trotskismo e o marxismo revolucionário, quando começa toda situação pré-revolucionária, quem não põe no centro de seu programa e sua política, a tarefa de pôr em pé organismos de autodeterminação e democracia direta das massas, que rompam as barreiras das profissões e unifiquem as massas que entram ao combate, é um vil traidor que não está preparando a posta em pé de organismos de duplo poder dos explorados para que se façam do poder. O apotegma do marxismo é ao contrário do que apresentam estes “Coletivos”, para os marxistas os sindicatos são órgãos de luta econômica para as “épocas de paz” que só organizam a uma ínfima minoria dos explorados, por isso na época atual estes devem ser submetidos aos comitês de fábrica, aos comitês de luta, aos piquetes de greve, às coordenadoras por região e a nível nacional de todos os que lutam e não ao contrário.

Qualquer um que tenha tido a desgraça de se encontrar com o emaranhado reformista destes boletins poderá verificar que seu combate contra o “paralelismo anti-cutista” o defendem como bons mosqueteiros da burocracia da CUT que são. A conclusão em última instância é que eles não preparam a revolução socialista, senão apenas lutas sindicais de pressão para salvar a vida ao estado burguês.

Uma greve geral, como esteve colocado em 2011, 2012 e no começo de 2013, teria sido o ponto de partida de uma ofensiva revolucionária de massas. Esta greve geral deviria inevitavelmente em uma greve insurrecional no Chile que proporia quem realmente manda no país: os explorados e seus combates, ou os exploradores com seu regime e governo infame. **Toda ação centralizada e de luta política de massas põe à ordem do dia os combates de barricadas, os comitês de autodefesa, os comitês de auto organização por região e a nível nacional.** Que seria isto senão os Cordões Industriais dos 70'? Afirmamos que uma luta revolucionária de massas como as que comoveram o Chile nos últimos anos, com a juventude entrando ao combate em conjunto com uma greve geral, comoveria ao Chile de seus alicerces, sem dúvida alguma.

Toda a “esquerda” do PC chileno são reformistas com 40° de febre, vigaristas de palavras. Como colocar a semelhante oceano desta luta de massas dentro do dedal da burocracia da CUT, que não agrupa mais de 5% do proletariado chileno e mesmo assim os mantêm divididos fábrica por fábrica? **Como veremos depois, estes “Coletivos” têm a mesma posição que sustentava o stalinismo nos anos 70' de submeter aos Cordões Industriais e os acusar de paralelismo, por não se submeter à burocracia da CUT.**

Todo o stalinismo, os renegados do trotskismo que atuam como seus lacaios e estes “Coletivos” adendos do stalinismo, se negaram a propor esta demanda imediata para unificar a luta da classe operária e a juventude chilena. Efetivamente, o que esteve proposto como tarefa imediata era uma coordenadora dos que lutam. Mas não pode ser lutado por uma coordenadora de centenas de milhares de trabalhadores e jovens em luta se não é para impor e conquistar a greve geral no Chile, apesar, na contramão e com a cabeça da burocracia traidora da CUT.

Por isso a consigna de “Greve Geral” não é nenhuma consigna de agitação em seu programa para a ação. E cuidam-se muitíssimo de que os jovens e os operários que combatem no Chile não saibam de que se trata sua luta e como se vence, e é justamente isto o que as direções traidoras e estes mosqueteiros querem impedir. Disso se trata o papel das direções traidoras e destes mosqueteiros, de expropriar às massas sua luta e as condições que as podem levar à vitória.

## 6 Socialismo nacional vs internacionalismo proletário

Estamos frente a reformistas com 40° de febre, mas reformistas até o fim. Porque, como abrir o caminho à luta revolucionária pela queda do regime cívico-militar sem abrir uma luta política generalizada de massas, que de forma centralizada, desde uma greve revolucionária, insurja ao Chile das multinacionais desde seus alicerces? De que se trata o combate contra o regime cívico-militar, da Concertação e a direita, tuteladas pelo partido militar da casta de oficiais pinochetista e suas leis que os determinam?

É preciso dizer a verdade, a greve geral revolucionária e o derrocamento do regime CÍVICO-MILITAR, é inconcebível sem a partição das Forças Armadas sobre as que se sustenta o regime. Por isso É PRECISO LUTAR COMO NA SÍRIA E NA LÍBIA. Afirmamos que não luta contra o regime cívico-militar e por derrota-lo, pelo contrário, se prepara para entrar na Concertação, como fez o PC, aquele que não chama a partir ao exército e ganhar aos soldados rasos. Aí estão os filhos, os primos, os noivos, os irmãos, dos que combatem nas ruas do Chile. Nos anos 70' esses soldados os ganharam a direita chilena, e isso é decisivo para os explorados, para a juventude e a classe operária, se querem derrotar ao regime cívico-militar, ganhar à base do exército.

Por isso desde o POI-QI sempre que chamamos a conquistar a Greve Geral, chamamos também a dissolver a polícia, o Escritório Nacional de Segurança, a todos os serviços de inteligência, a todas as forças repressivas e a pôr em pé os comitês de soldados rasos, que estes elejam a seus chefes, que lutem também por um salário digno e que enviem delegados às organizações de luta das massas.

Quem não levanta este programa não luta por derrocar ao regime cívico-militar, é um charlatão. E mais, a III Internacional propunha que quem não chama a ter um trabalho sobre os soldados é uma corrente vulgarmente pacifista e agente do regime burguês.

Aqui sobram as palavras. Estes “Coletivos” estão fazendo o partido único à esquerda do PC, para que este entre à Concertação e vá a um governo único com a “Bushelet”.

Acerca-se o momento em que o regime cívico-militar das multinacionais e o imperialismo, vai pôr sua cara mais “bondosa” para conter as massas chilenas. Isto é a política clássica do stalinismo: a frente popular. Buscará o submetimento da classe operária através do PC e o PS à Democracia Cristã. Terá ministros do PC no gabinete da “Bushelet” e os partidos que se reuniram em Valparaíso no dia 21 de maio irão negociar com estes Ministros. Isso sim se encarregarão muito bem, que nessas negociações Bárbara Figueroa e toda a burocracia da CUT estejam à cabeça.

Do que se trata verdadeiramente o agrupamento de forças neo stalinistas à esquerda do PC? De impulsionar um “2013 combativo” ou de impulsionar o ingresso dos deputados do PC ao Parlamento e seus ministros aos Ministérios da “Bushelet”? No mínimo, o que já fica claro é que o que buscam é que jamais tenha uma greve revolucionária que impeça o renovamento e a lavada da cara deste regime cívico-militar assassino.

**Como veremos neste documento, o regime cívico-militar chileno impõe que nada se faça no movimento de massas do Chile, às costas da burocracia da CUT, porque de fato para “legalizar” uma ação ou mobilização da classe operária e da juventude nas ruas, deve ser pedida a “permissão” através da burocracia da CUT, ao regime. E esta gente fala de “acompanhar ombro a ombro a experiência da classe operária chilena”, quando o único que acompanham é a política traidora da burocracia da CUT.**

Como veremos adiante, para a esquerda “vermelha” stalinista, a política de “coordenadora dos que lutam” é para submeter à direção da CUT, e que nada escape do controle da burocracia pendurada dos quadros da saia do regime cívico-militar.

Um dos dois “Coletivos” se chama a si mesmo, pomposamente, “Comitê de Greve”. Isto é uma ofensa à greve geral, já que, quando esta esteve proposta, o grupo pelo “Comitê de Greve” jamais combateu para conquista-la. Semanas atrás, como vimos, a burocracia dividiu as lutas dos batalhões pesados do movimento operário e estudantil, as levando a um beco sem saída. Anunciam agora uma greve nacional para julho, prometem a mãe das batalhas, mas são só palavras. Gela-lhes o sangue com o fantasma da revolução dos Cordões Industriais dos 70'.

Esta gente poderá, se proclamado o que seja, autodefinir-se como mais gostem. Mas o que nunca serão é filhos ou netos dos heroicos Cordões Industriais, como o são os verdadeiros filhos e netos que hoje combatem nas ruas do Chile apesar e na contramão dos “policiais vermelhos” e a burocracia da CUT.

Como já vimos, estes “Coletivos” estão obcecados com que “não se faça paralelismo” contra a CUT durante as lutas. Como se todas as lutas da classe operária e a juventude chilena não fossem apesar e na contramão dos traidores

da burocracia da CUT! E quando é esta burocracia quem dirige a luta, como no movimento mineiro, ficam dezenas de milhares de demitidos, depois dos choques dos operários contra as multinacionais que saqueiam o cobre. Já são anos de ofensivas da juventude chilena que lutando pela renacionalização do cobre sem pagamento e sob o controle operário para ter educação gratuita, lutavam pelo salário dos trabalhadores. Esta burocracia traidora da CUT, qual ação decidida chamou a organizar para centralizar o combate dos explorados?

### **Propor “fora a burocracia colaboracionista do regime pinochetista do PC e a Democracia Cristã da CUT”?**

Abaixo a burocracia estudantil da ACES que levou os secundaristas a uma luta impotente colégio por colégio e divide os estudantes universitários? Fora os “policiais vermelhos” das universidades, que têm reduzido a luta com a consigna de “pedir mensalidade diferenciada”, abandonando a luta pela educação gratuita com a renacionalização sem pagamento do cobre sob o controle operário? Jamais. Aquele que tenha tido a má sorte de ler os boletins destes “Coletivos” verá que isto não aparece em nenhuma linha. Nem sequer em suas declarações de princípios. SEU PRINCÍPIO NÃO É DERROTAR AS DIREÇÕES TRAIADORAS, SÃO PARTE DELAS. Como vão chamar a se derrotar a si mesmos, os adendos do stalinismo? Fica cada vez mais claro que os “Coletivos” são os porta-vozes da burocracia pelega e fura-greve da CUT.

Os “Coletivos” foram à Valparaíso no 21 de maio, onde todos os anos – paralelo ao discurso de Piñera ao parlamento chileno – se reúne toda a esquerda e a burocracia do movimento estudantil, para proclamar sua “luta combativa”. Na reunião desse dia vestem-se de “vermelho” para trair a classe operária e a juventude durante o resto do ano. Todos os que estavam ali, estavam para furar o combate pela greve geral, jogando sempre a culpa à “baixa consciência socialista” das massas e a suas “divisões”.

Para os trotskistas, esse suposto “baixo nível de consciência” e as “divisões” das massas são produto da traição da direção stalinista e de todas as seitas e seus grupos que a cotejam. Toda a “esquerda” do stalinismo tenta trazer stalinismo novamente às barricadas para que apaguem seu fogo, após que os operários e jovens os expulsaram das mesmas, ao grito de “os policiais de vermelho são os perigosos” e “a revolução se escreve sem J” (em alusão à “Juventude Comunista”).

Nesta reunião de Valparaíso, sob a direção pública ou às escuras do PC, sustentado pelo MIR, o FEL, uma seita neogramsciana como o PTR, que juraram “fazer de 2013 em um ano combativo como o 2011”. O que não é mais que uma grande mentira. Como pretendem que 2013 seja como o 2011? Com a greve geral? Com um congresso nacional com delegados de base do movimento operário e estudantil? Chamando a esmagar às multinacionais e derrocar Piñera? Não. Simplesmente “voltar a um 2011 combativo”. Uma vergonha.

Ali estava, plenamente, a burocracia estudantil chilena, demonstrando que os “policiais de vermelho” têm escudeiros e mosqueteiros que os defendem ante a vanguarda radicalizada da juventude, e os introduzem nas barricadas depois de que as massas os reconhecessem como pelegos.

O PTR, os porteiros dos “policiais de vermelho”, nas assembleias e nas organizações estudantis abrem as portas para que estes ingressem, chamou fazer “uma frente única e de coordenação de toda a esquerda chilena para convocar um 2013 combativo como 2011”.

Ali também apareceram os “mosqueteiros” destes “Coletivos”, apoiando a votar de braços erguidos “que a unidade será absoluta para que se tenha um novo ano combativo”. E seu programa de coordenar as lutas? Onde ficou? E o de expropriar o cobre sob o controle dos trabalhadores? Nada disso, já que dizem que “não há que fazer paralelismo à CUT”... é que ali também estava Peña, o burocrata sindical dos terceirizados da mineradora do El Teniente, que faz campanha em voz alta em defesa de Khadafy e de Al Assad e que expulsa do sindicato todo aquele que queira apoiar as massas da Líbia e da Síria. Por que não propuseram um congresso de delegados de base, para refundar a CUT de abaixo para cima, para ter realmente um 2013 combativo? Em Valparaíso ficou claro que esses “Coletivos” são um adendo do stalinismo no Chile.

Estes “Coletivos” já não podem se camuflar como pseudotrotskistas. Suas roupas são muito pequenas para seu corpo tão grande, é evidente que são um adendo do stalinismo. Têm orelhas grandes, uma tromba, pesam mais de uma tonelada. Têm quatro patas e rabo pequeno. É um paquiderme adendo do stalinismo!

**Por ordem do FSM da Tunísia os renegados do marxismo fecham filas para impedir o passo de todo combate do proletariado mundial para recuperar seu internacionalismo militante**

Estes “Coletivos” acusam ao POI-QI de “ter um internacionalismo abstrato e não uma política de intervenção concreta nas massas”. É uma verdadeira falácia de seitas, que a única política que têm é a de ser escudeiros da protoburguesia cubana restauradora do capitalismo, e de todas as burocracias da CUT e do movimento estudantil colaboracionistas com o regime cívico-militar.

Como “Coletivos”, participaram na CELAC, esse covil de bandidos das burguesias nativas e o imperialismo para saquear América Latina, acompanhando a condecoração dos irmãos Castro, que foram nomeados presidentes do encontro.

Como não podia ser de outra maneira, em sua luta contra o trotskismo, enviados por sua direção stalinista, e para fazer méritos em sua formatura, têm lançado todo tipo de violências, artilharias revisionistas, amalgamas e ataques de toda a regra contra o internacionalismo militante da classe operária mundial. Contra o internacionalismo militante, concentrando seu revisionismo, justo no momento em que Wall Street ordena subordinar cada processo revolucionário e cada luta operária em cada país, à sua própria burguesia, para derrotar estes processos um a um, concentrando neles todas as direções traidoras, que atuam de forma centralizada para estrangular a revolução. Como hoje vemos na Reunião de Genebra que Obama prepara os lacaios da Rússia e China, os representantes do genocida Al Assad, e o ESL que estrangula a revolução desde dentro.

Vamos discutir, então, contra o partido único stalinista chileno, que está sob as ordens dos irmãos Castro e o FSM, do qual é parte Al Assad, o genocida das massas sírias e do Oriente Médio. Vamos discutir com esses milhares de dirigentes e quadros stalinistas que se concentraram em Valparaíso, para “convocar um ano combativo e de luta, como 2011”, após ter traído as lutas de 2011, 2012 e 2013, e durante décadas.

No mês de março, tinham-se reunido já no Fórum Social Mundial na Tunísia, os que organizaram esta reunião de Valparaíso. Nessa reunião do FSM na Tunísia, sob o comando do stalinismo, os desfeitos dos renegados do trotskismo, das burguesias nativas lacaias, ovacionaram Chávez, choraram a morte de Khadafy e chamaram a apoiar Al Assad para que massacre as massas da Síria. Em Valparaíso, estavam todas estas mesmas forças, que de forma centralizada e disciplinada aplicam esta política em toda a classe operária e a juventude chilena.

Estamos frente a uma seita que critica de “internacionalismo panfletário” aos combatentes da IV Internacional, enquanto os “Coletivos” sustentam e difundem as mesmas posições políticas dos panfletos amarelos e do jornal “O Século” do PC no Chile. Aplaudem hoje os panfletos da “esquerda” que se juntou o dia 21 de maio em Valparaíso, que isola, divide e descoordena a luta do movimento estudantil, enquanto aplaudem Al Assad e choram a morte de Khadafy.

**No Chile enfrentam-se duas alternativas:** trotskismo vs stalinismo. Por um lado, os trotskistas e o combate por pôr em pé o partido revolucionário da Quarta Internacional, que a nível mundial unifique a classe operária chilena com seus irmãos de classe de América Latina e o proletariado mundial para a revolução socialista. E pelo outro, as forças do stalinismo, que submetem à classe operária chilena à Concertação do PC e a Bushelet, e que têm rodeado o regime cívico-militar para que este não seja varrido pela greve geral revolucionária e o início da revolução chilena.

Para o stalinismo é vital que não se ponha de pé o bolchevismo no Chile. É que só uma corrente internacional revolucionária que luta pela IV Internacional, isto é, que combate com a teoria e o programa marxista, pode e deve tirar lições revolucionárias da grandiosa revolução chilena dos 70'. Aí está o trabalho dos trotskistas **“Revolução e Contrarrevolução no Chile”**, sobre as lições da revolução dos 70', que está a disposição do leitor, escrito no ano 2000, e agora reeditado.

Este trabalho dos “internacionalistas abstratos” (como este adendo do stalinismo define os marxistas) é o mais concreto sobre a revolução no Chile. Nele se tiram as conclusões de como as direções traidoras seguem traindo no Chile como o fizeram nos anos 70. Os defensores do stalinismo querem ser os únicos a tirar as lições – mas contrarrevolucionárias – dos 70' para seguir aplicando a mesma política de colaboração de classes que levou o proletariado chileno a um banho de sangue.



Como mencionamos anteriormente, ante a vanguarda operária, estes “Coletivos” sempre foram um adendo do stalinismo, que tentou falar em nosso nome. Por isso quando desde o POI-QI editamos o jornal “O Cordonazo” e pusemos de pé os coletivos revolucionários de operários e estudantes, estes “Coletivos” quiseram nos trazer algum “velho” dirigente dos Cordões Industriais, para que os dirija. Nada é por acaso. Eles queriam submeter o movimento trotskista e a juventude revolucionária ao programa e a pseudoteoria de “revolução bolivariana” que encarnavam estes “velhos” dirigentes... não tiveram sucesso.

As lições da revolução chilena dos '70 também foram um divisor de águas, na verdade, um rio de sangue entre stalinismo e trotskismo. De um lado estamos os que lutamos e combatemos pelo armamento e o fortalecimento dos Cordões Industriais com delegados de operários, de soldados rasos e de camponeses pobres, para que, esmagando a besta pinochetista, tomem o poder. E do outro lado, a socialdemocracia e o stalinismo, que prometendo a “via pacífica ao socialismo”, buscavam militares “patriotas” e “democráticos” e encontraram Pinochet, ao que nomearam Ministro de Defesa do governo “popular” de Allende, para que depois seja ele quem afogue em sangue a revolução chilena. **As bandeiras não se juntam.**

É que da heroica vanguarda revolucionária que ali combateu, seus melhores elementos, foram esmagados e perseguidos pelo golpe contrarrevolucionário de Pinochet. Justamente por isso as massas, quando abrem as condições para uma nova revolução, têm que começar de novo, sem poder aprender com os erros da anterior. Disso se trata a necessidade de que exista de um partido revolucionário, para não começar de novo em cada revolução.

A burguesia não tem este problema. Controla o estado, seus governos, a educação. Os filhos de seus filhos, pelo direito a herança, sabem como seus pais e avôs massacraram ao movimento operário. Por isso é uma falácia e uma traição falar que “acompanham aos operários em sua luta concreta”. A realidade é que a classe operária, a diferença de sua classe inimiga, é obrigada sempre a lutar desde o zero e por fora das lições de seus combates históricos, para que depois estes adendos do stalinismo joguem a culpa à “consciência atrasada das massas”. São uns traidores!

O mesmo acontece, por dar tão só outro exemplo, com as lições da tragédia da revolução boliviana de 1952, que com suas milícias e o duplo poder tinham posto em pé a COB (Central Operária Boliviana, NdeT). Tudo terminou com a traição de sua direção, entregando o poder à burguesia. Drama e tragédia que custou padecimentos inauditos que ainda sofre o proletariado latino-americano.

A questão sobre o internacionalismo militante está posta no centro da cena do debate, porque fazer crer, por exemplo, que a luta anti-imperialista das massas venezuelanas, como repetem todos os papagaios do chavismo, começou com a chegada de Chávez ao poder. Mas os trotskistas internacionalistas da FLTI, pusemos as coisas em seu lugar para a classe operária do continente, contra os que tentam apresentar aos carrascos da classe operária (as “boliburguesias”) como seus aliados anti-imperialistas.

Como dizia Marx, “É preciso revelar aos operários os segredos da política internacional das classes possuidoras”. Faremos justiça: foi o Caracazo, com mais de 2000 mortos nos 90' quem enfrentou abertamente ao FMI e a seus planos de saques de América Latina, enquanto o chavismo foi sua negação, sendo um setor da casta de oficiais assassinas do Caracazo que expropriou e desviou a luta anti-imperialista das massas, para utilizá-las e controlá-las para negociar com o imperialismo uma fatia dos negócios da renda petroleira, garantindo o saque imperialista da Venezuela.

Por isso é indispensável a existência de um partido mundial, porque sem uma visão internacionalista da luta de classes e sem lições revolucionárias, nenhuma “luta nacional” pode triunfar. A isto se reduz este debate sobre internacionalismo, que está proposto neste documento. É que estes “Coletivos” falam de que falta um partido, mas “nacional”. Demonstraremos que se referem ao PC ou a uma variante dele, já que em seu programa, a luta por refundar e pôr em pé novamente a IV Internacional não existe, nem existirá, porque não é seu partido.

O Partido Comunista no Chile, o partido de Corvalán e Tellier, traiu, aleivosamente a heroica revolução dos Cordões Industriais do Chile. Seus continuadores de hoje, igual que nos 70', denunciavam aos Cordões Industriais, por ter uma política “paralelista” aos burocratas stalinistas traidores da CUT. Estes agentes da burocracia têm extraído do lixo da história estas velhas políticas traidoras de “não fazer paralelismo contra a CUT”, para submeter a todo organismo de luta das massas a essa burocracia decomposta, que é a grande sustentadora do regime cívico-militar e garante da divisão do movimento operário chileno. Falando a verdade, a única que faz paralelismo contra o movimento operário e suas lutas, junto com o governo e a burguesia, é a burocracia sindical da CUT.

## **Novamente sobre o cretinismo sindicalista dos oportunistas adendos do PC**

Com este programa e esta política, a burocracia da CUT, nos '70, chamou a destruir os Cordões Industriais - verdadeiros organismos de poder dos operários – porque “faziam paralelismo” à burocracia da CUT. Estamos ante os filhos do partido de Corvalán e Castro dos 70', os traidores da revolução chilena. Os “Coletivos” não são os filhos dos Cordões Industriais.

Nós trotskistas marchamos com a bandeira da IV Internacional e seu programa. Como diz o Programa de Transição: “*É por essas razões que as seções da IV Internacional devem esforçar-se constantemente não só em renovar o aparelho dos sindicatos (que jamais propõem os “Coletivos”, NdeR), propondo audaciosa e resolutamente nos momentos críticos novos líderes prontos à luta no lugar dos funcionários rotineiros e carreiristas, mas inclusive criar, em todos os casos em que for possível, organizações de combate autônomas que respondam melhor às tarefas da luta de massas contra a sociedade burguesa...*”

A seguir, o Programa de Transição segue propondo uma questão que levará a esta gente ao cúmulo da ofuscação, junto com seus chefes a burocracia sindical da CUT e também a estudantil. “... *SEM VACILAR MESMO, CASO SEJA NECESSÁRIO, EM ROMPER ABERTAMENTE COM O APARELHO CONSERVADOR DOS SINDICATOS. SE É CRIMINOSO VOLTAR AS COSTAS ÀS ORGANIZAÇÕES DE MASSA PARA SE CONTENTAR COM FACÇÕES SECTÁRIAS, NÃO É MENOS CRIMINOSO TOLERAR PASSIVAMENTE A SUBORDINAÇÃO DO MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO DAS MASSAS AO CONTROLE DE CAMARILHAS BUROCRÁTICAS DECLARADAMENTE REACIONÁRIAS OU CONSERVADORAS DISFARÇADAS (“PROGRESSISTAS”). O SINDICATO NÃO É UM FIM EM SI, MAS SOMENTE UM DOS MEIOS DA MARCHA PARA A REVOLUÇÃO PROLETÁRIA.*”

Aos trotskistas, que temos uma estratégia soviética, de comitês de fábrica, de conselhos operários e camponeses, não nos aterrorizam as ameaças com “dedinho acusador”, de “não há que fazer paralelismo à CUT”, como dizem os “Coletivos”. ELES ESTÃO COM AS POSIÇÕES DO PC DOS 70', SÃO FILHOS DE CORVALÁN, GLADYS MARÍN E SEU CONTINUADOR TELLIER. (Corvalán e Marín, são dirigentes históricos do PC chileno, Tellier é o atual dirigente, NdeT).

Nosso leitor verá que o dirigente da CUT dos 70', Galvarino Escorza, propunha o mesmo que Bárbara Figueroa (dirigente stalinista da CUT, NdeT) hoje e que estes “Coletivos” abertamente stalinista repetem e pregam para humilhar, ajoelhar e desconcertar o melhor da vanguarda chilena. Vejamos o que dizia **Galvarino Escorza, dirigente stalinista do PC, que pregava o slogan pacifista e traidor de “Não à guerra civil”**. Este declarou numa entrevista ao jornal Chile Hoje N° 61: “(...) *propô-lo muito forte o colega Aguiló, do MIR, e disse que jamais podia pretendido ter essa Coordenadora, (se refere à Coordenadora de Cordões Industriais, NdeR) porque isso sim que **significa um paralelismo à CUT. E nisso estamos totalmente de acordo***” (Negrito nosso). Quanta coincidência entre o stalinismo que entregava a revolução dos Cordões Industriais ontem, e este “Coletivo” não menos stalinista de hoje!

Em seus materiais, os “Coletivos”, esquecem, enquanto insistem que não pode ser feito “paralelismo” à burocracia da CUT, que existem no Chile outras 3 centrais sindicais paralelas, tão burocráticas e minoritárias como a CUT.

Esses adendos do PC estão na barricada oposta dos Cordões Industriais e seus dirigentes dos 70', que sem ter lido o Programa de Transição trotskista o agitavam como expressão de sua própria vida e por sua própria experiência. Disso se trata tanta infâmia destes adendos do stalinismo contra os trotskistas do POI-QI e da IV Internacional, para que milhares de revolucionários anônimos digam estas verdades de forma isolada e sem um partido revolucionário que reagrupe suas forças. **Armando Cruzes dirigente do Cordão Vicuña Mackenna** dizia o seguinte: “*a Central Única dos Trabalhadores do Chile tem deixado de ser um baluarte, e por isso têm nascido estes gérmes de poder popular que são os Cordões Industriais, essência do que pensam os trabalhadores*” (Negrito nosso). Quanta perspicácia do jovem dirigente do Cordão Vicuña Mackenna para identificar ao inimigo interno da classe operária! **MUITO BEM! ASSIM SIM!**

Devemos enterrar esse lixo da burocracia da CUT e desenterrar as lições que deixaram os dirigentes que deram sua vida pela revolução chilena. O proletariado chileno em cada combate põe lições de novos baluartes de organização e luta junto à juventude explorada. **Estes “Coletivos” sabem, junto a seus chefes, que sua sorte está jogada para que nunca mais surjam os Cordões Industriais**, que se esboçam em cada combate. É que estes vivem no programa e na estratégia do trotskismo e a IV Internacional.

Jamais, e o juramos por nossa honra de revolucionários, as novas gerações da classe operária e a juventude chilena vão esquecer os combates que deram sozinhos os heroicos operários dos Cordões Industriais, na contramão de todo o lixo stalinista que os levou à derrota e aos piores dos massacres.

Eles sabem que nós trotskistas sabemos como o stalinismo traiu a revolução dos Cordões Industriais dos 70'. Submeteram o proletariado à burguesia e à “via pacífica ao socialismo” no Chile. Nós sabemos como eles o fizeram, também, separando a luta da classe operária chilena da revolução argentina, boliviana, peruana, e do movimento operário norte-americano que, insurgido, garantia, junto à juventude dos Estados Unidos, a derrota ianque no Vietnã.

O stalinismo separava a classe operária do Cone Sul, as ocupações de fábrica de Uruguai, as coordenadoras da Argentina, a Assembleia Popular da Bolívia e os levantamentos operários revolucionários do Peru contra Morales Bermúdez, da revolução chilena. Propunham que cada processo revolucionário do Cone Sul tinha “características próprias”, que era “internacionalismo abstrato” propor a unidade da luta da Argentina, da Bolívia, do Peru, etc.

Quando se iniciava o golpe do Pinochet no Chile, se produziu a maior ação de massas da classe operária argentina nas ruas de Buenos Aires nos 70' ao grito de “Irmãos chilenos não baixem as bandeiras, que aqui estamos dispostos a cruzar a cordilheira”. 400 mil operários e jovens da Argentina ganharam as ruas do país. Isso avariou os alicerces do governo burguês peronista. Esta luta antecipou a luta revolucionária de 1975 contra o governo peronista. Mas quando isto se deu, o PC tinha preparado as condições, há tempos, para que Pinochet massacrasse a classe operária chilena. A tragédia é que, desde seu início, a luta da classe operária chilena foi moldada pelo stalinismo e na Argentina pela burocracia sindical peronista, e na vanguarda, tanto no Chile como na Argentina, pelo castrismo.

Assim depois da derrota do proletariado, com os golpes, coordenados pela CIA, dos militares assassinos de América Latina, a revolução latino-americana se afogou em sangue. A ITT (“International Telephone and Telegraph”, multinacional de telecomunicações norte-americana) **organizou a “Operação Condor”, cujo campo de batalha foi todo o Cone Sul de América Latina. Como veremos neste documento, para os canalhas traidores do stalinismo e seus alunos de hoje, o campo de batalha não era América Latina e os Estados Unidos, onde também se combatia contra a guerra de Vietnã, senão a revolução país a país para enfiá-la na luta nacional “desde seus inícios”, como afirmam, muito tranquilos, estes papagaios do stalinismo dos “Coletivos”.**

**Por isso entre trotskismo e stalinismo, e nesta discussão entre internacionalismo proletário e socialismo nacional, existe um rio de sangue.**

Uma estratégia revolucionária internacionalista prepara as condições da vitória. A fundação do partido da IV Internacional no Chile é o pesadelo do reformismo e o stalinismo. Mas, pese a eles, a juventude revolucionária e a aguerrida classe operária chilena, têm deixado lições do programa da IV Internacional.

“Os policiais de vermelho são os perigosos” é um grande programa internacionalista da classe operária e a juventude chilena. Com este elevado nível de consciência, abrem o caminho a resolver a crise de direção do proletariado e a juventude chilena. **Puseram como moção nas ruas a renacionalização do cobre sem pagamento e sob o controle dos trabalhadores, para conquistar a educação pública e gratuita.** Votou-se na ACES o apoio às massas revolucionárias da Líbia e da Síria. Lutava-se junto aos Zengakuren do Japão, que com mais de 10 mil jovens que cercavam a embaixada chilena em Tóquio, em apoio aos estudantes perseguidos pelo regime cívico-militar. No Chile faziam-se bandeiras gigantes pela defesa da educação pública e gratuita, para que percorresse e unisse toda América Latina em uma mesma luta. Assim eles conquistaram um programa para a revolução socialista no Chile, que será latino-americana ou não será nada.

Disto, o stalinismo e seus lacaios, não querem que fique nem memória. Por isso, fundam estes pseudogrupos, estas pequenas seitas de “caça desavisados”, para que se façam de porta-vozes de suas posições, revestidos de “trotskistas”.

Em cada combate, a classe operária e a juventude chilena, impuseram comitês de greve, barricadas, e tenderam a centralizar suas lutas, apesar e na contramão da burocracia da CUT, que representa uma ínfima minoria do movimento operário chileno – não mais de 3% ou 4% – e suas forças só advém do sustento que o estado burguês lhes dá e suas leis pinochetistas com as que controla ao movimento operário. Esta gente chama, com pomposos programas, fazer coordenadoras para submetê-las à burocracia da CUT.

## 12 Socialismo nacional vs internacionalismo proletário

O stalinismo rodeia a burocracia da CUT e sustenta ao regime cívico-militar. Nós trotskistas, com as massas, o queremos derrubar. Os “Coletivos” querem “ir às massas”, e terminam junto a burocracia da CUT e os “policiais de vermelho”.

Essa é a alternativa entre trotskismo e stalinismo; o trotskismo abre as condições para a vitória, e o stalinismo prepara as condições da derrota.

O programa do stalinismo é refração do que dita Wall Street a seus agentes e lacaios do FSM. O programa dos trotskistas no Chile não é mais do que refração do programa internacional do proletariado mundial, isto é, o Programa de Transição da IV Internacional.

É o momento de separar as bandeiras. A vanguarda operária e juvenil deve distinguir com clareza o programa dos revolucionários do programa do reformismo.